

**A linguagem da criança na concepção dialógico-discursiva:
retrospectiva e desafios teórico-metodológicos para o campo de
Aquisição da Linguagem / *The Child's Language in the Dialogical-
Discursive Perspective: Retrospective and Theoretical-Methodological
Challenges for the Field of Language Acquisition***

*Alessandra Del Ré**
*Rosângela Nogarini Hilário***
*Alessandra Jacqueline Vieira****

RESUMO

O objetivo do presente artigo é mostrar quando e de que forma a abordagem dialógico-discursiva começou a servir de base para se pensar o processo de aquisição da linguagem, no Brasil e fora dele - especialmente na França. Essa linha teórica busca analisar a fala da criança a partir dos movimentos discursivos que compreendem a relação entre a criança e o seu interlocutor (outro), levando em consideração os contextos situacionais, a dialogia, a constituição dos sujeitos no discurso etc. Portanto, a) faremos referência aos autores responsáveis por essa abordagem, em uma es, retrospectiva; b) explicitaremos os aspectos teóricos mobilizados durante as análises dos dados de fala de crianças; e c) abordaremos os aspectos metodológicos implicados nessa perspectiva teórica. Nosso intuito é discutir não apenas esse outro olhar lançado para a linguagem da criança, mas os desafios teórico-metodológicos que essa abordagem traz para o campo de investigação. PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da Linguagem; Criança; Abordagem dialógico-discursiva; Círculo de Bakhtin

ABSTRACT

The purpose of this article is to show when and how the dialogical-discursive approach began to serve as a basis for thinking about the language acquisition process in Brazil and abroad - especially in France. This theoretical line seeks to analyze - the speech of children starting from the discursive movements found in the relationship between the child and his or her interlocutor (other), taking into account the situational contexts, the dialogism, the constitution of the subject in the speech, etc. Thus a) we refer to the authors responsible for this approach, in a retrospective; b) we explain the theoretical aspects mobilized during the data analysis of children's speech; and c) we utilize the methodological aspects involved in this theoretical perspective. Our aim, therefore, is to discuss not only this other way of looking at children's language, but also the theoretical

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr, Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, Araraquara, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-6740-9631>; del.re@unesp.br

** Grupo GEALIN/NALíngua, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr, Araraquara, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-8515-5666>; ronogarini@gmail.com

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-3216-6107>; alessandra.vieira@ufrgs.br

and methodological challenges that this approach brings to this specific field of investigation.

KEYWORDS: *Language acquisition; Children; Dialogic-discursive approach; Bakhtin Circle*

Introdução

O misterioso mundo da linguagem da criança, desde que ganhou os holofotes de pesquisadores, recebeu olhares de diferentes perspectivas teóricas, sempre em busca de respostas para muitos dos ainda insolúveis fenômenos que podemos observar no universo infantil. Pesquisadores das mais variadas linhas teóricas e que basearam seus estudos em hipóteses comportamentalistas, inatistas, cognitivistas, conexionistas, interacionistas ou funcionalistas ajudaram a construir esses diversos caminhos e servem de ponto de partida para o que pretendemos discutir neste artigo.

Nutridos por essas fontes, mas trazendo um outro ponto de vista, trata-se de apresentar, aqui, uma mudança de paradigma que passa a considerar a intrigante linguagem humana observada na sua gênese, no período de aquisição pela criança, a partir de fenômenos linguístico-discursivos que nos permitem vislumbrar as relações que se estabelecem entre língua e discurso na interação da criança com o interlocutor.

Assim, o objetivo do presente artigo é mostrar quando e de que forma a abordagem dialógico-discursiva, com base nos trabalhos de Bakhtin (1987, 1997), Voloshinov (1995, 2019) e Médvedev (1994), começou a servir de base para se pensar a entrada da criança na linguagem, na área de Aquisição da Linguagem, no Brasil e fora dele - especialmente na França -, e, além disso, como as questões teóricas e metodológicas se alinham a partir dessa perspectiva. Essa abordagem teórica, que dialoga com olhares interacionistas como os de Vygotsky e de Bruner, busca analisar a fala da criança a partir dos movimentos discursivos (SALAZAR ORVIG, 1999) que surgem na interação entre a criança e o seu interlocutor (eu e outro), levando em consideração os contextos discursivos e situacionais, a dialogia (constitutiva de todo discurso), as relações de interação empírica entre sujeitos, a constituição dos sujeitos no discurso e o papel que assumem durante a comunicação, etc.

Para tanto, a) faremos referência aos autores responsáveis por essa abordagem, em retrospectiva, mostrando alguns resultados de trabalhos do grupo GEALin-FCLAr

(UNESP)/NALingua-CNPq¹, no Brasil; b) explicitaremos os conceitos teóricos mobilizados durante as análises dos dados de fala de crianças, tais como sujeito, língua, gêneros do discurso, outro, enunciado, atitude responsiva-ativa, subjetividade, singularidade e identidade; c) abordaremos os aspectos metodológicos implicados na análise de fenômenos discursivos investigados pelos pesquisadores dessa perspectiva, tais como: a coleta e a criação de um banco de dados de crianças organizado pelo grupo NALingua; a transcrição dos dados (baseada em aspectos enunciativos, situacionais, de relação entre os interlocutores); exemplos de fios condutores de análise e a importância de se considerar os aspectos culturais envolvidos; e a relação eu-outro para observarmos o processo de aquisição da linguagem.

Nosso intuito é, portanto, discutir não apenas esse *outro olhar* lançado para a linguagem da criança, mas as mudanças teórico-metodológicas que essa abordagem traz para o campo de investigação. Vale dizer que, considerando os limites de uma publicação desta natureza, não será possível aprofundar todas essas questões; trata-se, antes, de apresentar um panorama geral que possibilite ao leitor apreender o ponto de vista, ou os “óculos bakhtinianos” propostos para a área de Aquisição da Linguagem (DEL RÉ *et al.*, 2014a; b).

1 Uma breve retrospectiva teórica para situar esse “novo” olhar

A criança entra na linguagem de maneiras diferentes,
e isso nos mostra a dificuldade para se falar da linguagem.
Frédéric François

Foi Frédéric François (1988; 1989; 1993; 1994; 2004; 2006), filósofo e linguista de formação, um dos primeiros autores a trazer questões teóricas de Bakhtin e do Círculo para discutir a linguagem da criança, com vistas à compreensão mais ampla da natureza e do funcionamento da linguagem humana. Fazia também parte de suas inquietações a necessidade de substituir uma teoria da aquisição da língua por uma outra que observasse

¹ O grupo GEALin, Grupo de Estudos em Aquisição da Linguagem da UNESP-FCLAr, é parte integrante do grupo NALingua-CNPq (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4240032996711008), compostos por uma equipe interdisciplinar, que reúne linguistas, psicólogos, fonoaudiólogos, educadores, do Brasil e da França, e que se propõem a analisar um mesmo conjunto de dados, com recortes específicos dos objetos de análise, visando apreender o processo de constituição da linguagem da criança, oral e escrita (Del Ré *et al.*, 2016).

os modos de funcionamento da linguagem, refletindo, entre outras coisas, sobre língua, linguagem e cultura. Para o autor,

[P] primeiramente, a ideia central é de que a criança que aprende a falar não vai da língua (com uma espécie de caixa de ferramentas linguísticas) à fala (como um conjunto de usos da língua em contexto), mas dos discursos dos outros ao discurso de si. A entrada da criança no circuito da linguagem é, portanto, no sentido forte do termo, “dialógica”, isto quer dizer que é na e pelas trocas verbais e, entre outras coisas, por meio da fala do outro, como linguagem que lhe é dirigida, que se realiza essa apropriação languageira (FRANÇOIS, 2004, p.25, tradução nossa)².

Em seus trabalhos, François destaca a importância do dialogismo e da interação durante a aquisição da linguagem pela criança, referindo-se às teorias bakhtiniana e vygotskyana em vários de seus textos. A respeito de uma de suas obras, que trata da construção de narrativas pelas crianças (FRANÇOIS, 1993), a linguista brasileira Leda Verdiani Tfouni (1997) ressalta o ineditismo e a relevância de um estudo que considere a entrada da criança no discurso para compreender como ela se desenvolve de modo geral³. Essa análise considera, sobretudo, as relações entre a criança e o adulto, que interpreta, valida, interfere, censura, enfim, que interage com a criança, participando ativamente da construção narrativa.

Na esteira dos trabalhos de François, os de Anne Salazar Orvig (1999; 2003; 2005, 2013, 2020, entre outros) - ex-aluna do pesquisador e especialista na área de Aquisição da Linguagem -, também se inserem em uma perspectiva bakhtiniana, que considera a língua e a linguagem no interior do diálogo no qual elas se inscrevem e, por isso, os valores das unidades linguísticas em si não são tomados como ponto de partida para a compreensão da linguagem da criança, mas se entende que as unidades linguísticas

² No original: “D’abord l’idée centrale que l’enfant qui apprend à parler ne va pas de la langue (comme sorte de boîte à outils linguistiques) à la parole (comme ensemble d’usages de la langue en contexte), mais des discours des autres aux discours de soi. L’entrée de l’enfant dans le circuit du langage est ainsi, au sens fort du terme, ‘dialogique’, c’est-à-dire que c’est dans et par les échanges verbaux et, entre autres, par le biais de la parole de l’autre comme langage qui lui est adressé, que se réalise l’appropriation langagière” (FRANÇOIS, 2004, p.25).

³ A autora afirma que “[...] pouco tem sido dito na literatura em Psicolinguística acerca da importância de que se reveste, para o desenvolvimento da criança como um todo, em particular para o processo de aquisição da linguagem, aprender a contar histórias” (TFOUNI, 1997, p.237). Além disso, Tfouni argumenta que François elege como dado privilegiado as “transgressões”, isto é, as estruturas “inesperadas” tão comuns na linguagem da criança, considerando-as não como *déficit*, mas como indício dos movimentos que ela executa dentro do espaço discursivo. Sua resenha acerca da obra do autor revela uma postura acolhedora dos pesquisadores da área para um deslocamento importante em seu objeto de estudo.

adquirem valor a partir de seu funcionamento no discurso (SALAZAR ORVIG *et al.*, 2005). É alicerçada por esse pressuposto que a autora conduz seus trabalhos, dentre os quais destacamos o estudo sobre as primeiras expressões referenciais, em especial, os pronomes de segunda e terceira pessoas (SALAZAR ORVIG *et al.*, 2005; 2006) e um interessante estudo sobre a plurifuncionalidade dos determinantes e do valor que eles assumem na relação entre a unidade linguística e o contexto discursivo (SALAZAR ORVIG *et al.*, 2013).

Podemos dizer que foram os trabalhos de François, seguidos pelos de Salazar Orvig (1999) e seus colaboradores (SALAZAR ORVIG, 1999, SALAZAR ORVIG *et al.*, 2005; 2006), que nos desafiaram, bem como ao nosso grupo de pesquisa, GEALin-FCLAr/NALingua-CNPq a levantar novas questões sobre a linguagem da criança inserida em um contexto dialógico-discursivo.

Sendo assim, em 2008, um perfil de formação começa a se delinear gradativamente⁴. Nesse mesmo momento de surgimento e consolidação do grupo de pesquisa, um trabalho de colaboração com o então grupo DIAREF⁵, liderado pela profa. Anne Salazar Orvig, docente da Université Sorbonne Nouvelle Paris 3, também se inicia, contribuindo para o amadurecimento das reflexões sobre o processo de aquisição da linguagem a partir dos aspectos discursivos, de viés bakhtiniano, tal como ela e Frédéric François preconizavam. Podemos aqui citar alguns trabalhos desenvolvidos a partir da influência desse novo olhar, contribuindo com os estudos sobre diferentes fenômenos linguístico-discursivos: o bilinguismo (BULLIO, 2014; BUENO, 2017; DE SANTIS; DEL RÉ, 2019; MARQUES, 2019), a aquisição/aprendizagem de uma Língua Estrangeira (FALASCA, 2012; 2017), a referência (BULLIO, 2014; BUENO, 2017), a aquisição e emprego da morfologia pela criança (HILÁRIO, 2015), a aquisição do humor (DEL RÉ, 2011; DEL RÉ *et al.*, 2015; DEL RÉ *et al.*, 2019; MCROZINSKI, 2015) e da argumentação (VIEIRA, 2015; VASCONCELOS, 2017; GRECCO, 2017; CURY, 2011), entre outros temas.

⁴ Os trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado desenvolvidos junto ao Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr-UNESP passam a assumir essa perspectiva, com base no diálogo entre os trabalhos de Bakhtin (1987; 1997), Voloshinov (1926/1976, 1995) e Médvedev (1994), e de autores como Bruner (2004; 2007) e Vygotsky (2005).

⁵ L'acquisition en dialogue des expressions référentielles: approches multidimensionnelles, Programme "Enfants et enfance" (ANR 09 - ENFT - 055) - Sciences humaines et humanités.

Já em 2013, novas parcerias, desta vez com os grupos SLOVO e GEED, em especial com as docentes Marina Célia Mendonça (UNESP-FCLAr) e Luciane de Paula (UNESP-Assis), ambas pesquisadoras da área do discurso, da linha bakhtiniana, trouxeram contribuições para o enriquecimento das discussões dando origem a dois livros, em 2014, pela Editora Contexto: *A linguagem da criança* - um olhar bakhtiniano (DEL RÉ *et al.*, 2014a), em que os dados da linguagem infantil aparecem como pano de fundo de uma reflexão teórica, e *Explorando o discurso da criança* (DEL RÉ *et al.*, 2014b), em que são apresentadas análises de interação verbal entre crianças e adultos (ou entre crianças), crianças na escrita, na argumentação, na brincadeira, na narrativa etc., em diferentes contextos (familiar e escolar, monolíngue e bilíngue).

Pode-se dizer, a partir desse percurso, que as pesquisas desenvolvidas pelo grupo GEALin, hoje, partem de dois princípios: i) que há uma inescapável relação entre linguagem e cultura, por isso entender a forma como a linguagem nos constitui como sujeitos é fundamental para a compreensão do funcionamento da linguagem; e ii) que a nossa relação com a linguagem é dialética: nós a constituímos e somos constituídos por ela, e é nesse jogo que o sujeito se torna singular, único. Partir desses dois pressupostos implica saber que se concentrar apenas na aquisição dos aspectos léxico-gramaticais pela criança não é suficiente para compreender seus movimentos na construção de sentidos no discurso. Importa-nos, portanto – como vislumbrava François – a compreensão dos “modos de funcionamento da linguagem” e os aspectos socioculturais envolvidos no processo de aquisição da língua(gem).

Partimos, portanto, de uma concepção que busca compreender esse funcionamento languageiro a partir das relações empreendidas entre sujeitos, em determinados contextos discursivos, analisando a linguagem da criança não por um viés biológico e/ou psicológico (que acreditamos ser importantes, embora não faça parte do nosso olhar), mas, principalmente, a partir da relação da linguagem da criança com os aspectos socioculturais e ideológicos que influenciam suas escolhas linguístico-discursivas (DEL RÉ *et al.*, 2014 a)⁶.

⁶ Por esse motivo, em nossas pesquisas, há ênfase no fato, como já mencionamos, de que adquirir a linguagem não significa apenas compreender e produzir elementos gramaticais, mas, sobretudo, compreender que as palavras estão sempre inseridas em um determinado contexto discursivo, em um gênero discursivo específico, e que, a fim de que a comunicação efetivamente ocorra, é preciso considerar os elementos translinguísticos, tais como o contexto linguístico-discursivo, a entonação valorativa, os

É importante ressaltar que Bakhtin e os membros do Círculo não trataram especificamente do processo de aquisição da linguagem, no entanto, seus postulados vão ao encontro de muitos aspectos teóricos e metodológicos que, a nosso ver, são fundamentais para compreendermos de que forma a criança entra na língua de sua comunidade. Por essa razão, outros autores contribuem para as pesquisas atuais na perspectiva dialógico-discursiva. Referimo-nos, especialmente, a Vygotsky (2005) e a Bruner (2004; 2007). Suas teorias possibilitam um olhar para a interação, destacando-se a importância do outro (pai, mãe, babá etc.) e do lúdico no processo de aquisição da linguagem pela criança⁷.

Vygotsky (2005), ao realizar suas pesquisas sobre a relação entre o pensamento e a linguagem, estabelece que a interação entre a criança e o outro é fundamental para o desenvolvimento da linguagem (e da cognição). Dessa forma, o autor destacará a importância da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e da Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) para a aquisição da linguagem pela criança, pontuando que a ZDR seria o nível no qual a criança se encontra em termos de desenvolvimento e ZDP seria o momento em que a criança já consegue realizar uma determinada tarefa, mas com a ajuda de um adulto - o que Wood, Bruner e Ross (1976) nomearam como “tutela” do adulto.

Já Bruner (2007), em suas pesquisas sobre a linguagem da criança, baseou-se nos postulados de Vygotsky, evidenciando o processo de aquisição da linguagem a partir da relação da criança com outros interactantes, em especial com a mãe. Além da noção de tutela, Bruner resalta a importância dos formatos (*formats*):

essa adaptação da linguagem requer cenários familiares e rotinizados, os chamados ‘formatos’, “para que a criança compreenda o que se está a passar, dada a sua capacidade limitada para o processamento de informação. Estas rotinas constituem o que entendo por um sistema de suporte à aquisição da linguagem” (BRUNER, 2007, p.34).

Para ele, os formatos podem se dar em situações diversas, como os jogos de adivinhação, de faz de conta, ou seja, a partir de situações lúdicas ou de cenários

presumidos, os sujeitos envolvidos na comunicação, os discursos envolvidos na situação comunicativa, dentre outros.

⁷ Há outros conceitos mobilizados pelos autores em seus postulados que são importantes para nossa perspectiva. Para este trabalho, porém, devido à natureza do texto, elegemos apenas alguns.

rotinizados. Os jogos e as brincadeiras teriam, assim, um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem, destacando-se, novamente, a importância da interação para a entrada da criança na linguagem.

Contribuíram igualmente para as reflexões do nosso grupo, no Brasil, os trabalhos da área de Aquisição da Linguagem de cunho interacionista, liderados por De Lemos (1982; 1992), Pereira-Castro (1985), Figueira (1985), entre outros⁸. Trata-se de uma fase em que as pesquisas do grupo de De Lemos ainda se valiam das ideias de Vygotsky e Bruner, considerando que, naquele momento, o foco era analisar a aquisição da linguagem a partir da interação da criança com o outro.

Na esteira desses trabalhos, consideramos que cada criança entra na língua à sua maneira, também destacando a importância do outro no processo de Aquisição da Linguagem. Esse modo singular de olhar para a entrada da criança na linguagem, colocando em destaque aquilo que é único em cada uma, também direciona os trabalhos dos grupos franceses como CoLaJE⁹, DIAREF, grupos com os quais colaboramos. Assim como esses grupos, nossos trabalhos consideram que, para além de regularidades existentes no processo de aquisição da linguagem (como a idade de aquisição, os aspectos gramaticais que são adquiridos em cada etapa, aspectos lógicos que estão em desenvolvimento em um tempo específico), há fenômenos muito particulares ao longo do processo em cada criança, advindos de experiências sociais, culturais, ideológicas, linguísticas etc. com as quais a criança tem contato ao longo de seu desenvolvimento.

Nosso foco são, portanto, os dados singulares (em sua maior parte longitudinais e naturalísticos), considerando a heterogeneidade constitutiva de toda produção discursiva ao se analisar a fala da criança: “o registro naturalístico, aqui, opõe-se ao método experimental em que se criam situações artificiais para se observar as produções linguísticas das crianças frente a tarefas escolhidas para esses contextos” (DEL RÉ *et. al*, 2014a, p.21).

⁸ Vale dizer que, a partir de 1992, as pesquisas desenvolvidas pelo grupo de De Lemos ganham um outro direcionamento, aproximando-se dos trabalhos de Saussure e de Lacan: o olhar passa para a relação de interação entre a criança, o outro e a língua. Por essa razão, passam a se distanciar da ideia de desenvolvimento da linguagem e a entender que a criança é capturada pelo funcionamento da língua. É importante ressaltar que o olhar para o único, o singular, nessa nova perspectiva, tem como objetivo revelar a dominância da língua (e não do sujeito) no processo de aquisição. Sujeito e outro (ou a criança e seu interlocutor) estão submetidos à ordem da língua e não podem ser interpretados senão a partir dela. Diante disso, a contribuição do grupo para pensarmos a linha dialógico-discursiva vem da primeira fase das pesquisas, anterior a esse novo olhar.

⁹ Communication Langagière chez le Jeune Enfant. Coordenado pela Profa. Dra. Aliyah Morgenstern.

Refletir sobre essas questões nos faz observar, assim como o fazem outros teóricos contemporâneos, a importância do outro (como a família) e das relações empreendidas entre a criança e o outro ao adquirir a língua de sua comunidade, os elementos discursivos envolvidos etc., entendendo a criança não como ser passivo, mas, ao contrário, um ser que tem voz e que é constituído na/pela linguagem, passando de um sujeito falado e interpretado pelo outro a um sujeito que enuncia; considerando-o não como alguém determinado geneticamente ou um ser autônomo, mas, sim, constituído pela linguagem e sempre em relação - com outros sujeitos, outros discursos, outras culturas; e que, a partir de suas escolhas linguístico-discursivas, busca demonstrar o seu intuito discursivo ao outro, manifestando, por meio desses atos singulares, a sua subjetividade (DEL RÉ; HILÁRIO; VIEIRA, 2012).

Outros pesquisadores brasileiros, integrantes do grupo NALingua-CNPq, também buscam olhar, de um modo geral, para a aquisição da linguagem a partir dessa preocupação com os aspectos discursivos e multimodais, tais como Cavalcante (1999), Cavalcante; Faria (2015), Vasconcelos (2017), entre outros, permitindo-nos novos diálogos sobre a entrada da criança na linguagem com diferentes áreas de conhecimento, como a Psicologia, a Fonoaudiologia, a Educação e a própria Linguística.

Por meio dessa retrospectiva inicial, esperamos ter podido apresentar as muitas influências teóricas que guiaram nosso olhar para a construção de uma concepção dialógico-discursiva. Passaremos, a seguir, a alguns detalhes dos elementos teóricos que servem de base para essa perspectiva, observando os dados de fala de crianças.

2 Alguns esclarecimentos teóricos

É nos lábios e no tom amoroso deles [da mãe e de seus próximos] que a criança ouve e começa a reconhecer seu nome, ouve denominar seu corpo, suas emoções e seus estados internos: as primeiras palavras, as mais autorizadas, que falam dela, as primeiras a determinarem sua pessoa, e que vão ao encontro da sua própria consciência interna, ainda confusa, dando-lhe forma e nome, aquelas que lhe servem para tomar consciência de si pela primeira vez e para sentir-se enquanto coisa-aqui, são as palavras de um ser que a ama (BAKHTIN, 1997, p.67).

Antes mesmo de nascer, ainda no ventre da mãe, como mostram os estudos em percepção (HERBINET, 1985; BREZINKA *et al.*, 1997), a criança, por volta do 4º mês

de gestação, por ter um ouvido funcional, já é confrontada com a linguagem, é sensível aos sons produzidos fora do útero (fala, música, voz etc), tem preferência pela voz da mãe, por uma prosódia particular (linguagem dirigida à criança) e, ainda que apenas em escuta ativa, pode-se dizer que já participa da interação como sujeito de linguagem (DODANE; MARTEL, 2008; VASCONCELOS, 2017). Trata-se de um processo de constituição na e pela linguagem que dura até o final de sua vida.

Mas o que significa dizer que, mesmo dentro do útero, o bebê já começa a se constituir como um sujeito discursivo? Em primeiro lugar, significa considerar que a constituição do sujeito não é algo individual e autônomo, cunhado apenas na produção desse sujeito (sua ação psicológica frente ao material linguístico-discursivo a que é exposto), nem algo que lhe é imposto (seja pelo outro – sujeito empírico – ou pela dominância da língua enquanto sistema). Trata-se de uma relação que se estabelece na e pela linguagem, na qual comparecem os sujeitos embebidos em discurso, em cultura, em palavras já ditas e constantemente ressignificadas.

E porque estamos tratando da língua(agem), é preciso explicitar a compreensão que temos dela. Os valores (sentidos) presentes na palavra não estão nem no eu nem no outro, mas na cultura que os coloca em relação: nas formas de se comunicar mediante os papéis sociais que estes sujeitos desempenham, no jogo entre o estável e o instável do discurso, nos elementos linguísticos esteticamente elencados para enunciar etc. Sendo assim, não é possível pensar em língua sem considerar esses valores e essa relação. Por isso, uma das noções centrais na reflexão bakhtiniana, e que se coloca central também nas reflexões dos pesquisadores em aquisição da linguagem, dentro dessa perspectiva, é a concepção de língua. Nessa abordagem, não é possível pensá-la de forma dicotômica em relação ao discurso, como um sistema de signos cujo valor de cada um se define unicamente numa relação de oposição dentro do próprio sistema (olhar da Linguística estrutural). A língua, no conjunto da obra do Círculo, é um “organismo vivo”, cujas significações ideológicas são constituídas histórica e socialmente. Assim, o signo linguístico (a palavra) tem seu valor atribuído na relação entre os discursos: ela é, portanto, signo sócio-ideológico. Os sentidos só podem ser entendidos e estabelecidos no fluxo da comunicação verbal. A enunciação é parte do diálogo, visto como um processo de comunicação ininterrupto, já que todo enunciado é resposta a outro enunciado e, ainda, pressupõe uma atitude responsiva.

Por esse motivo, acreditamos que a língua não pode estar fora do sujeito ou na mente individual dos sujeitos, mas constituída nas relações sociais, históricas e ideológicas. O que verificamos nos trabalhos que possuem essa mesma abordagem é que, especialmente durante a aquisição da linguagem pela criança, essa relação entre a criança e o outro (pai, mãe, babá, avós, cuidadores etc.) é fundamental.

Essa constatação já foi explorada em diversos estudos dentro da área que se dedicaram à fala dirigida à criança, suas características, seu suporte à aquisição da linguagem. Podemos dizer que, mesmo sem utilizar a perspectiva bakhtiniana, esses estudos já estavam atentos para o que a escuta dessa fala adulta produziria na fala da criança. Isso quer dizer que a criança não recebe passivamente a língua do outro, mas, ao contrário, ela participa ativamente da situação de comunicação, inicialmente por meio de elementos multimodais, vocalizações, passando às primeiras palavras e à combinação de duas ou mais palavras, até chegar à elaboração de enunciados complexos.

Desse modo, após o nascimento, o querer dizer da criança é, como já dissemos anteriormente, interpretado pelo outro, e isso pode ser verificado, por exemplo, nos diálogos em que o adulto fala com a criança que enuncia poucas palavras ou mesmo nenhuma, ou às vezes apenas aponta para algum objeto, e a mãe diz "você quer isso? Vou te dar"; ou ainda quando o adulto fala no lugar da criança, interpretando um possível querer: "mamãe, não me dá banho"; "eu quero papá", "me dá logo essa comida, papai" (MENDONÇA *et al.*, 2014) etc. Ao longo do seu desenvolvimento, o adulto se dirige à criança de diversas maneiras, solicita a sua participação enunciativa, que, mesmo não verbalizando, consegue fazer-se compreender, ainda que por meio de gestos (de apontar, de negar empurrando algo com as mãos, de balançar a cabeça), de choro, de olhar e de sons/sinais mais guturais.

Especialmente nesse período, no qual a criança ainda não verbaliza, identificamos com mais clareza a existência dos presumidos (DEL RÉ *et al.*, 2014a), fundamentais para a compreensão de qualquer enunciado, mas que são mais evidentes nessas situações de interação com a criança, ou ao se aprender o idioma de uma cultura muito distinta, por exemplo. No nível macro, o presumido envolve a cultura de uma determinada comunidade, com seus aspectos ideológicos. O valor que um enunciado assume em uma sociedade e não em outras determina o que se pode ou como se pode falar/discutir uma determinada questão. No nível micro, especialmente quando falamos de aquisição da

linguagem, são muitas vezes os interactantes mais próximos, como os pais e as babás, por conhecerem os contextos de fala da criança, que conseguem interpretar suas produções. Em diversas situações, ao interagir com uma criança pequena, não compreendemos o que ela quer dizer, pois nos falta o contexto situacional ou histórico específico daquela família, que só os mais próximos possuem, como, por exemplo, a criança chamar borboleta de “dedete” ou leite de “pupu” etc.

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995), o autor explica que todo enunciado está marcado por um “horizonte social” (ou horizonte discursivo) de uma época ou grupo social. O enunciado, portanto, abarca dentro de si um contexto social, uma imagem potencial do interlocutor e os índices de valor da palavra; um não-dito (e, portanto, presumido) que sustenta o dizer. Como vimos, para compreender o processo de aquisição da linguagem é fundamental observar o diálogo face a face realizado pela criança e o outro; porém, os sentidos dos enunciados são determinados pelos aspectos sociais, históricos, ideológicos que emergem em uma determinada comunidade de fala. *O que se diz, para quem e como* vai sendo apreendido pela criança conforme ela vai entrando na língua/linguagem. Assim como no nível macro, o que dá suporte às produções da criança em sua pequena comunidade (a família, a microcultura) é a relativa estabilidade dos enunciados, que se apresentam em contextos mais ou menos específicos e, com isso, permitem que ela e seu(s) interlocutor(es) adulto(s) recuperem sentidos já construídos ou os ressignifiquem. Na reflexão bakhtiniana, quando pensamos na construção de sentido, falamos em gêneros do discurso.

Para Bakhtin (1997), todo enunciado é composto por um modo composicional, um tema e um estilo, sendo esses enunciados relativamente estáveis em cada esfera ou campo de atividade humana. Segundo o autor,

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1997, p.290).

Acreditamos, assim, que a criança entra na língua por meio de gêneros discursivos que estão em circulação nos meios sociais dos quais participa. Inicialmente, a interação entre criança e adulto se dá a partir de gêneros primários, que são as trocas conversacionais, isto é, a conversa do cotidiano. Conforme a criança vai interagindo em outros contextos discursivos e com outros interlocutores (escola, igreja, consultório médico, parque, comércio etc.), ela vai tendo contato e desempenhando outros papéis discursivos, entrando, assim, em outros gêneros. O jogo simbólico é também um lugar onde a criança aprende, por meio da brincadeira, a deslocar-se para diferentes papéis discursivos - como ser o professor ou o aluno ao brincar de escola, ser a/o mamãe/papai ou a/o filhinha/o ao brincar de casinha, ou desempenhar outros papéis ao brincar de telefonista, médico, supermercado etc., - até chegar à escrita, tendo acesso aos gêneros que Bakhtin nomeia como secundários (BAKHTIN, 1997).

É importante lembrar que o acesso da criança à escrita não se dá apenas no momento em que ela aprende a ler e escrever, mas muito antes, em eventos de letramento tanto em casa quanto na escola, quando pais e professores lêem para a criança, incentivam o seu contato com o livro, permitem que ela o manipule e replique gestos de leitura, interprete ilustrações, reconheça aspectos gráficos, identifique palavras conhecidas etc.

Em todas essas situações vemos o papel fundamental do outro para a aquisição da linguagem. Esse outro (inicialmente o pai ou a mãe) é que posiciona a criança como um sujeito discursivo, que, como dissemos, a interpreta, que responde a ela e que solicita sua participação. A relação eu-outro (criança-interlocutor) cria um espaço discursivo onde a cultura é colocada em circulação nas palavras, nos gestos, nas interações, atualizando seus significados.

No conjunto da reflexão bakhtiniana, o outro é quem dá acabamento ao enunciado. Esse acabamento, no entanto, é sempre provisório, já que só é possível ter acesso ao sujeito incompleto e, portanto, a recortes do discurso. É o outro que posiciona o sujeito, criando com ele um espaço discursivo que permite que as relações se estabeleçam, se fixem provisoriamente. Sujeito e outro (eu e outro) assumem papéis discursivos, que podem ser mais ou menos assimétricos (como mãe-filho, professor-aluno, médico-paciente, cônjuges, colegas de quarto etc.) e, ao assumi-los, colocam em circulação os

enunciados possíveis no horizonte discursivo que se cria em torno deles. Esse outro, portanto, não é um ouvinte passivo; ele participa ativamente da produção do enunciado.

Na área da aquisição, criança e adulto compartilham um espaço discursivo mesmo antes de a criança pronunciar a primeira palavra linguisticamente reconhecível, seja porque o adulto interage com ela e a ela responde, dando à sua produção (gesto, olhar, balbucio etc.) o estatuto de palavra (ou enunciado), seja porque ele verbaliza o que, no seu entender, possa ser a palavra da criança (MENDONÇA *et al.*, 2014).

O centro da discussão sobre língua e linguagem nos trabalhos do Círculo está no conceito de enunciado. Ele é entendido como um elo na cadeia de comunicação verbal, isto é, não há enunciado isolado, mas todo enunciado é resposta a um enunciado anterior e, fazendo menção ao que Bakhtin nomeia como “memória de futuro” (BAKHTIN, 1997), também a um enunciado posterior.

Por ser resposta e suscitar resposta, não há sujeito passivo frente ao enunciado, mas ativo responsivamente. Não se trata, no entanto, de uma resposta necessariamente oralizada, mas de um forçoso posicionamento do sujeito frente ao discurso a que ele tem acesso: dele se aproxima ou se afasta, com ele concorda ou discorda. É por isso que, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volochínov (1995) afirma que não há palavra neutra, pelo contrário, a palavra é palco de luta ideológica e sempre carregada de valor. A palavra constitui o sujeito: sua subjetividade, sua identidade, seus atos singulares.

Os conceitos de subjetividade, singularidade e identidade têm grande relevância para os estudos em aquisição da linguagem que se fundamentam em uma concepção dialógico-discursiva (DEL RÉ; HILÁRIO; VIEIRA, 2012). Nomeamos subjetividade o conjunto de experiências discursivas que constituem o sujeito. É, portanto, a base (constituída na e pela linguagem) que lhe possibilita posicionar-se frente a qualquer discurso. Por estar constantemente submetido à palavra e ao discurso, interagindo discursivamente em diversas esferas de atividades e conectando-se a novos horizontes discursivos, podemos afirmar que o sujeito é um constante *vir a ser*; por isso sua subjetividade está sempre em um movimento de constituição.

A singularidade, por sua vez, tem a ver com o ato de enunciar e sua irrepetibilidade. Como cada enunciado só pode ser compreendido em sua relação com o tempo/espaço em que se insere - isto é, ele está localizado social, histórica e culturalmente -, não há enunciado cujo sentido seja fixo, absolutamente estável e possível de ser

recuperado sem a interferência desse tempo/espço. Sendo assim, ainda que a mesma palavra seja evocada diversas vezes, a cada ocorrência ela ganha outros sentidos. Por outro lado, Bakhtin (1997) afirma que não há palavra dita pela primeira vez, pois toda palavra é fruto de um movimento dialógico que retoma outras palavras. Temos, assim, uma aparente contradição: é justamente o fato de o sujeito ser plural e heterogêneo, porque constituído por palavra/discurso/valor (que não está nele originalmente, mas no espaço discursivo em que ele está inserido), que o torna singular, pois seu enunciado-resposta é único e irrepitível (DEL RÉ; HILÁRIO; VIEIRA, 2012). Essa manifestação forçosa (inescapável) do sujeito frente à palavra produz um movimento de aproximação ou distanciamento. Esse movimento revela a construção da identidade, ou um deslocamento identitário, como afirma Falasca (2012).

Como pudemos notar, explicitar os conceitos nos quais nos baseamos para analisar os dados de aquisição da linguagem, em uma perspectiva dialógica e discursiva, é uma tarefa complexa. Isso porque eles estão intimamente relacionados uns aos outros, em um movimento de constituição mútua. Buscamos trazer algumas das principais noções mobilizadas pela teoria bakhtiniana e que nos auxiliam a refletir sobre os dados de crianças, sem a intenção de esgotar todas as discussões pertinentes a esse campo de estudo. Apesar da complexidade conceitual, ao assumir essa perspectiva teórica é necessário ter clareza de que as categorias de análise dos dados estão submetidas ao conjunto da reflexão bakhtiniana. Esse ponto será abordado a seguir.

3 Os aspectos metodológicos

Todo deslocamento teórico envolve uma série de outros deslocamentos, pois as questões propostas no interior de uma teoria possivelmente não serão pertinentes em outra perspectiva. Com isso, os fenômenos observados em uma teoria ganham outro estatuto, levando à constituição de um *corpus* diferente, ainda que composto pelas produções de uma mesma criança. Quando se muda o olhar teórico, os aspectos metodológicos implicados na investigação também mudam.

No caso dos estudos em aquisição da linguagem que partem de uma abordagem dialógica-discursiva, é necessário pontuar que não se pretende “aplicar uma teoria” ao mobilizar noções propostas por Bakhtin e pelo Círculo, mas busca-se compreender, a

partir de determinadas concepções, fenômenos inerentes ao processo de aquisição da linguagem das crianças – ou à entrada da criança na linguagem. Nosso foco é, em um primeiro momento, olhar para os aspectos singulares que envolvem esse processo de adquirir a linguagem, considerando, além dos elementos linguístico-gramaticais, elementos translinguísticos.

É necessário, assim, compreender quais perguntas são passíveis de resposta dentro dessa concepção teórica; dito de outra forma, o tipo de pergunta que nos colocamos frente ao fenômeno linguageiro é que mobiliza essa abordagem. Isso quer dizer que outras perguntas podem encontrar respostas em outras teorias, por isso não se deve minimizar a importância de outras abordagens teóricas. De um modo geral, não há uma restrição em relação ao que é ou não relevante para ser estudado a partir de uma concepção dialógica e discursiva, mas deve-se ter em mente que todos os fenômenos serão observados a partir do conceito de língua explicitado anteriormente: organismo vivo, embebido em cultura, cujos valores são ideológica e historicamente construídos, mobilizando sujeitos, sempre em relação, em um jogo que contempla tanto o estável quando o instável.

Sendo assim, a fala da criança (ou, mesmo antes, seu lugar enquanto sujeito discursivo interpretado pelo outro) não pode ser entendida fora do fluxo da comunicação verbal. Todas as categorias de análise, criadas a partir da observação dos dados, estão submetidas aos aspectos teóricos explicitados anteriormente: os conceitos de língua, sujeito, outro, gêneros do discurso, enunciado, responsividade, subjetividade, singularidade, identidade etc., considerando ainda a relação inescapável entre palavra e cultura.

Fundamentar-se em uma concepção dialógica e discursiva não significa, no entanto, desconsiderar o fato de que aspectos específicos da língua (em uma concepção estruturalista de língua) podem ser estudados. Como exemplo, podemos citar novamente os trabalhos de Salazar Orvig *et al.* (2013) sobre a aquisição dos determinantes, os de Salazar Orvig *et al.* (2006) e Bullio (2014) acerca da referência à primeira, segunda e terceira pessoas na produção discursiva da criança ou o de Hilário (2015), sobre a aquisição e uso do morfema de plural. A particularidade que apontamos é que, ao contrário de outros estudos em que o aparecimento e uso desses elementos linguísticos (determinantes, pronomes, morfema de plural etc.) pela criança são observados levando em consideração apenas o contexto linguístico (sintático-gramatical), nos estudos citados

eles estão submetidos a uma análise discursiva. Isso significa que até mesmo as repetições, geralmente entendidas como a migração de recortes da fala da mãe para a fala da criança, podem ser interpretadas como recursos discursivos usados pela criança para argumentar, para posicionar-se em relação à fala do outro, para manifestar certa reflexão sobre a língua e seus usos etc. Sendo assim, em uma abordagem dialógica e discursiva, considerar apenas categorias linguísticas pré-estabelecidas, com sentidos já fixos, significa descartar o movimento de sentido presente em qualquer interação.

Vejamos um exemplo sobre a aquisição do plural nominal no português brasileiro (HILÁRIO, 2015). Nele, a criança (A., 2; 3 anos) brinca de recortar as figuras de um panfleto. Em determinado momento, ela decide recortar os preços.

- MÃE o que que (vo)cê vai corta(r)?
A. a conta [pausa] essa contas.
MÃE ah a conta aqui ?
A. é a con:ta esse esse [pausa] conta.
A. o(u)tra o(u)tra...

O dado foi recolhido em uma coleta longitudinal e naturalística, em momentos de interação entre a mãe e a criança enquanto brincavam no chão da sala, e foi objeto de análise de uma investigação sobre a aquisição do plural nominal pela criança. Como podemos observar nesse pequeno trecho, pensar na aquisição do plural nominal vai muito além da identificação das ocorrências do morfema de plural na fala da criança. Em apenas cinco enunciados, podemos notar: a) uma reformulação pela criança (a conta/a contas), fazendo referência à oposição singular/plural; b) um padrão de concordância ($D_{\text{sing}}+N_{\text{plu}}$) (ou não concordância) de plural diferente do adulto ($D_{\text{plu}}+N_{\text{plu}}$ ou $D_{\text{plu}}+N_{\text{sing}}$); c) uma aparente aderência da criança à correção não explícita do adulto (ah a conta aqui?/é a conta); d) a insistência da criança no plural, ainda que usando outros recursos que não o morfema (repetição de esse/esse, outra/outra). Apenas a observação da relação entre os enunciados do adulto e os da criança nos permite incorporar esses elementos às análises, tendo em vista não o produto final (a estabilidade no uso do morfema de plural), mas o percurso da criança na aquisição do plural nominal em PB.

Um dos questionamentos que se coloca frente ao deslocamento da teoria para uma área distinta da que foi, a princípio, pensada, é: a questão ideológica, tão presente na reflexão bakhtiniana, é pertinente para os estudos em aquisição? Primeiramente, é

necessário retomar que, para Voloshinov (1995, p.32), a ideologia envolve os sujeitos que se relacionam em uma determinada situação e contexto discursivos:

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.

Além disso, não se pode esquecer que falar da linguagem da criança é, na verdade, falar da linguagem em geral. Não se trata de uma linguagem “menor” ou “incompleta”. Trata-se, sim, de um contexto particular, assim como tantos outros a serem considerados, e neste contexto particular, as especificidades do sujeito-criança – assim como as especificidades da relação discursiva criança-outro – precisam ser levadas em conta. No entanto, todos os aspectos observáveis, do ponto de vista teórico, na linguagem do adulto, podem também ser observados na linguagem da criança. Questões como “quem fala”, “para quem fala”, “em que contexto”, “como o que se fala é interpretado pelo outro”, “que sentidos a palavra assume e porquê” etc. são pertinentes para se pensar a entrada da criança na linguagem, seu “nascimento” como sujeito discursivo, os movimentos de sentido da palavra que migra do eu ao outro (palavras alheias, alheias-próprias e próprias), as ressignificações. A ideologia, portanto, está presente em toda palavra: “*a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social*” (VOLOSHINOV, 1995, p.34; grifos do autor).

Do ponto de vista prático, nossas análises privilegiam os aspectos singulares e relacionais, geralmente observáveis em análises qualitativas. Isto não quer dizer que a teoria impossibilite análises quantitativas, porém, como as categorias nascem de um olhar singular para o fenômeno em relação ao contexto discursivo e situacional, não nos parece eficaz, em um primeiro momento, pensar que a análise da frequência do fenômeno seja suficiente para identificar sua origem e seu papel no discurso, ainda que possamos cruzar os resultados com tal informação. Quando olhamos para o que é singular, focalizamos também aquilo que é diferente, casos que pouco ou nunca se repetem, portanto difíceis de serem contados para fins estatísticos, mas ao mesmo tempo fortes o suficiente para testarem a pertinência de uma teoria: se uma teoria pode explicar singularidades em diferentes populações (crianças monolíngues, bilíngues, com alguma síndrome etc.), é

porque ela é muito pertinente (DEL RÉ et al, 2014a). Além disso, nessa perspectiva são passíveis de análise tanto as produções linguísticas quanto as multimodais.

Um exemplo disso é o estudo que desenvolvemos sobre o humor na linguagem da criança (DEL RÉ, 2011; DEL RÉ *et al*, 2015; 2019), que busca compreender como o fenômeno se instaura, que elementos são necessários na sua composição no que se refere à sua compreensão e, sobretudo, para a sua produção. A partir de dados de G. (brasileiro) e A. (francesa), ambos com idade entre 24 e 42 meses, pudemos identificar quatro componentes essenciais para a produção de enunciados humorísticos: *a incongruência, o recuo, a intenção/projeto de dizer e o saber-partilhado*. A incongruência (ou a ruptura) é o elemento desencadeador do humor, pois, para que haja um efeito humorístico e os interlocutores o reconheçam como tal, é necessária uma quebra inesperada na continuidade do discurso. Esse processo está vinculado, inicialmente, a um trabalho metacognitivo que permite aos sujeitos se distanciar do discurso. Além disso, para ter êxito, é preciso que haja uma intencionalidade, isto é, que o locutor queira produzir esse efeito de humor no interlocutor/outro. Não é possível identificar a intencionalidade senão por meio de pistas multimodais, como a troca de olhares, gestos etc., que são interpretadas pelo interlocutor. É quando a expressão desse querer encontra eco no interlocutor, graças à convivência entre eles e, sobretudo, por um saber-partilhado (SALAZAR ORVIG, 2003), que o humor (partilhado) se efetiva.

No episódio a seguir, temos uma divertida cena que se passa entre pai e filho, em casa, durante uma brincadeira com carrinhos. Trata-se de uma corrida que o pai organiza com frequência, no corredor da sala. Para tanto, é feita uma seleção daqueles que participarão e daqueles que serão guardados em uma caixa. G. (3;6 anos) não quer guardá-los e, vendo que o pai está um pouco nervoso, pois quer os brinquedos arrumados, usa uma frase recorrente dele para tentar driblar a situação:

PAI e os outros dois que vão correr.
PAI agora, esses tudo pode por tudo dentro da caixa, vai!
G. o que, o que, o que, o que, o que, rapaz!
G. veja se tem um carrinho aqui!
G. de corrida! (riso)
PAI não tem nenhum! (pai sorri)
G. é bom!

A graça dessa cena não está apenas na retomada da fala do pai (“o que o que o que rapaz”, um bordão utilizado por um humorista brasileiro), mas no fato de a criança fazê-lo, imitando seu jeito de falar, revertendo os papéis: a voz do pai ecoa na voz de G. Isso é o inesperado, o que causa uma ruptura no discurso. Essa retomada da voz do pai é possível de ser verificada inclusive por meio de uma análise acústica que foi realizada comparando as velocidades da fala habitual de G., a do pai e o resultado final dessa imitação. A prosódia tem um papel importante de realçar a atuação de G. (DEL RÉ *et al*, 2017). Há um querer/intencionalidade por parte da criança de descontrair a tensão do momento e não fazer o que o pai pede; e como a zombaria, as ironias etc. são recorrentes nas interações entre pai e criança, G. sabe o efeito que essa fala dele vai produzir – e produz, pois há convivência entre eles – no pai: o riso, a descontração. Além da entonação usada pela criança, há toda uma gestualidade diferente (braços, corpo etc.) que compõe essa singular comunicação (DEL RÉ *et al*, 2017).

Foi esse olhar dialógico-discursivo para os dados, tendo o outro como peça fundamental desse jogo interacional, que nos permitiu perceber as nuances humorísticas desse episódio. Além disso, há uma retomada de outros discursos (memória discursiva do passado e do futuro), trazidos para a cena enunciativa pela criança, em um ato singular, que provoca o riso no pai.

A partir dessa e de outras pesquisas em grupos que usam os mesmos “óculos” para os dados, é possível validar as análises, bem como realizar os ajustes necessários, graças à submissão de diferentes contextos de produção a categorias de análise que vão sendo criadas e testadas a cada novo *corpus*. Nesse sentido, o que se busca é a constituição de um banco de dados heterogêneo para que, a cada corpus analisado, seja possível observar quais fatores permanecem relevantes para análise naquela população; quais fatores são gerais e, portanto, passíveis de análise em populações diferentes etc.

Para este fim, o grupo NALíngua tem se dedicado, desde 2008, à coleta e transcrição de dados de crianças e adultos monolíngues e bilíngues, falantes de diversas línguas (português, francês, espanhol, inglês, alemão), em diversos contextos de produção (gravações em casa, em interação com os pais; em aulas, em interação com professores; com ou sem a participação do observador/pesquisador etc.). Todos os dados estão sendo transcritos de acordo com as normas CHAT, utilizando o programa CLAN, disponível na plataforma CHILDES (MacWhinney, 2000). Essa padronização facilita a parceria com

diferentes universidades brasileiras e francesas, que podem utilizar os mesmos dados para análises, inclusive, com abordagens teóricas diferentes. O grupo já publicou dois manuais e ministrou diversos cursos sobre o método de transcrição (DEL RÉ; HILÁRIO; MOGNO, 2011; HILÁRIO *et al.*, 2012; HILÁRIO; DEL RÉ, 2015; DEL RÉ; HILÁRIO; RODRIGUES, 2016).

Esse método permite-nos olhar para os dados mobilizando não apenas os elementos efetivamente verbalizados, que podem ser buscados e revistos nessa ferramenta, mas também a cena enunciativa como um todo (a relação entre os sujeitos, a situação, o contexto, os elementos multimodais etc.), especialmente por fazer uso de dados em vídeo das crianças pesquisadas.

Para finalizar...

Sem a pretensão de esgotar toda a discussão que a abordagem dialógico-discursiva propõe, buscamos neste artigo trazer alguns dos principais elementos teóricos e metodológicos, demonstrando a importância daquilo que é singular no desenvolvimento de cada criança, sem, é claro, deixar de vislumbrar a regularidade existente no processo de entrada das crianças na linguagem. Nosso foco é, portanto, analisar os fenômenos observados a partir de um olhar dialógico, levando em consideração os elementos linguístico-discursivos, que acreditamos ser essenciais para a compreensão do processo de aquisição da linguagem.

Retomando, desse modo, os trabalhos já realizados pelos pesquisadores que se baseiam nessa abordagem, pudemos verificar como e quando essa concepção passou a delinear os estudos no campo da Aquisição da Linguagem, especialmente no Brasil e na França, além de pontuar os principais autores que influenciam as pesquisas nessa perspectiva. Bakhtin, Voloshinov e Médvedev, além, é claro, de Vygotsky, Bruner François, Salazar Orvig, entre outros, são os dessa perspectiva, propiciando uma visão que preconiza a relação de interação entre sujeitos e os movimentos discursivos decorrentes de toda situação de comunicação, permitindo-nos compreender com mais clareza os modos de funcionamento da linguagem.

Sendo assim, essa perspectiva busca refletir sobre fenômenos distintos e múltiplos, considerando aspectos verbais e multimodais, além de mobilizar os aspectos

teóricos discutidos por Bakhtin, Voloshinov e Médvedev ao tratar do funcionamento da linguagem. Esse novo olhar para a fala da criança implica uma metodologia que contemple esses diferentes aspectos teóricos, como a situação de interação e contexto discursivos, os interactantes, a dialogia, o outro etc.

Esperamos, com esse trabalho, ter mostrado alguns caminhos para olhar o processo de Aquisição da Linguagem a partir desse novo olhar. Obviamente, há muitos outros elementos que podem ser explorados a partir dessa abordagem, que esperamos contemplar e discutir em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução (do francês) Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1995. [1929].
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BREZINKA, C.; LECHNER, T.; STEPHAN, K. The Fetus and Noise. *Gynakologisch-Geburtshilfliche Rundschau*, v. 37, n. 3, pp.119-129, 1997.
- BRUNER, J. *Le développement de l'enfant: savoir faire, savoir dire*. Paris: PUF, 2004.
- BRUNER, J. *Como as crianças aprendem a falar*. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2007.
- BUENO, R. G. *O uso e a omissão do sujeito pronominal de 1ª e 2ª pessoas em português brasileiro e em espanhol: subjetividade, jogo e gênero pedagógico*. 2017, 320f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2017. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151052/bueno_rg_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em 20 de outubro de 2020.
- BULLIO, P. C. *Referência e code-switching: traços de singularidade na linguagem de uma criança bilíngue*. 2014, 655f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123295/000824256.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de outubro de 2020.
- CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. 1999, 239f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1999. Disponível em

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270742>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de (org.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade* /. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CURY, P. *Linguagem dirigida à criança pequena: a argumentação em foco*. 2011. 185f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, 2011. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93870/cury_pc_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 20 de outubro de 2020.

DE LEMOS, C. *Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original*. Boletim da Abralin, Recife, n. 3, p.97-126, 1982.

DE LEMOS, C. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio. *Substratum*, Barcelona, n. 1, p.121-135, 1992.

DE SANTIS, A. B.; DEL RÉ, A. A linguagem dirigida à criança em uma sala da Educação Infantil bilíngue inglês-português. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 48, n. 3, p.1349-1371, 2019. Disponível em <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i3.2351>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

DEL RÉ, A.; DE PAULA, L.; MENDONÇA, M. *A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano*. São Paulo: Contexto, 2014a.

DEL RÉ, A.; DE PAULA, L.; MENDONÇA, M. *Explorando o discurso da criança*. São Paulo: Contexto, 2014b.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J. Subjetividade, individualidade e singularidade na criança: um sujeito que se constitui socialmente. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, p.57-74, 2012.

DEL RÉ, A.; MARCHEZAN, R. C.; VIEIRA, A. J.; QUIMELLO, H. A produção de sentido na interação entre pais e filhos. In: DEL RÉ, A.; DE PAULA, L.; MENDONÇA, M. *A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano*. São Paulo: Contexto, 2014.

DEL RE, A., HILÁRIO, R. N., MOGNO, A. S. Programa CLAN da base CHILDES: normas de transcrição (CHAT) e comandos básicos. In: GONÇALVES, G. F., BRUM DE PAULA, M. R., SOARES, M. K. (orgs). *Estudos em Aquisição Fonológica*, Vol. 4. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011. p.11-30.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; RODRIGUES, R. A. O Corpus NALingua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. *Revista Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*. ANO VIII – Nº 02/2016. Disponível em <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1363/667>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J. Subjetividade, individualidade e singularidade na criança: um sujeito que se constitui socialmente. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, p.57-74, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000200005>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

DEL RÉ, A.; DODANE, C.; CAVALCANTE, M. C. B.; MASSINI-CAGILARI, G. Discurso, prosódia e multimodalidade na produção humorística de uma criança monolíngue *In: A criança na/com a linguagem: saberes em contraponto*. v.1, Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2017. p.67-80.

DEL RE, A., DODANE, C.; MORGENSTERN, A. De l'amusement partagé à la production de l'humour chez l'enfant. *In: FARHAT, M.; LACOSTE, F. (eds.). L'humour dans le bassin méditerranéen: contacts linguistiques et culturels*. v. 1. Tunis: Nouha éditions, 2015. p.115-139.

DEL RE, A.; DODANE, C.; MORGENSTERN, A. Enunciados humorísticos infantis em foco: implicações pragmáticas, cognitivas e sociais. *Revista Linguística (Online)*. v.35 (2), p.235 - 254, 2019. Disponível em http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2019000200235. Acesso em 20 de outubro de 2020.

DODANE, C.; MARTEL, K. La prosodie chez le bébé au stade pré-linguistique : premières formes stables. *XXVII ème Journées d'Etude sur la Parole*, Avignon, France, Jun 2008.

FALASCA, P. *Aquisição/aprendizagem de LE: subjetividade e deslocamentos identitários*. 2012, 153f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86763/falasca_p_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 20 de outubro de 2020.

FALASCA, P. "Eu disse tudo isso em alemão, mas em português penso totalmente diferente": identidade e argumentação na sala de aula de língua estrangeira. 2017, 490f. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP/ Araraquara, 2017. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151014>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

FIGUEIRA, R. A. *Causatividade: Um Estudo Longitudinal de suas Principais Manifestações no Pocesso de Aquisição do Português por uma Criança*. 1985, 363f. Tese de Doutorado em Linguística. Unicamp, 1985. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270525>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

FRANÇOIS, F. Quelques conduites d'explication chez l'enfant. *La psychologie du langage: recherches fondamentales et perspectives pédagogiques*. Laboratoire de Psychologie d'acquisition et du développement. Université de Dijon, Dijon, p.91-110, 1988.

FRANÇOIS, F. Langage et pensée: dialogue et mouvement discursif chez Vygotsky et Bahktine. *In: Enfance 1-2*. Paris: PUF, 1989. Disponível em https://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1989_num_42_1_1877. Acesso em 20 de outubro de 2020.

FRANÇOIS, F. *Pratiques de l'oral*. Paris: Editions Nathan, 1993.

FRANÇOIS, F. *Morale et mise en mots*. Paris: L'harmattan, 1994.

FRANÇOIS, F. *Enfants et récits: mises en mots et "reste"*. Paris: Presses universitaires du Septentrion, 2004.

FRANÇOIS, F. O que nos indica a “linguagem da criança”: algumas considerações sobre a “linguagem”. Tradução de Guacira Marcondes Machado Leite. In: DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

GRECCO, N. A. G. *Estilo, autoria e contra-argumentação na aquisição da escrita*. 2017, 136f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2017. Disponível em http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/4261.pdf. Acesso em 20 de outubro de 2020.

HERBINET, E. Compétence néonatale dans l’interaction et apprentissage prénatal. *Neuropsych Enf*, v. 33, p.53-58, 1985.

HILÁRIO, R. N. *Um olhar sobre a aquisição do plural em crianças*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em <http://www.culturaacademica.com.br/catalogo/um-olhar-sobre-a-aquisicao-do-plural-nominal-em-criancas/>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

HILÁRIO, R. N. *et al.* O CHAT e o CLAN como ferramentas metodológicas nos trabalhos em aquisição da linguagem. In: DEL RÉ, A.; ROMERO, M. *Na língua do outro: estudos interdisciplinares em aquisição de linguagens*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.229–247.

HILÁRIO, R. N.; DEL RÉ, A. Questões metodológicas e ferramentas de pesquisa nos estudos em Aquisição da Linguagem. *Letras de Hoje*, v. 50, n. 1, p.57-63, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.1.18397>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000.

MARQUES, L. T. DE C. *Língua de herança e identidade: o caso de uma criança franco-brasileira*. 2019, 130f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Unesp-Araraquara, 2019 (não disponível).

MROCZINSKI, A. C. S. *A produção e a compreensão do humor por uma criança bilíngue: um estudo de caso*. 2015. 94 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127909/000846656.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso 20 de outubro de 2020.

MÉDVEDEV, P. N. [1928]. *El método formal en los estudios literarios* - introducción crítica a una poética sociológica. Versión española Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

MENDONÇA, M. C.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J.; BULLIO, P. C. A retomada da palavra da criança pelos pais. In: DEL RÉ, A.; PAULA, L.; MENDONÇA, M. C. *A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano*. São Paulo: Contexto, 2014. p.75-94.

PEREIRA-CASTRO, M. F. *Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem*. Editora da UNICAMP, 1992.

SALAZAR ORVIG, A. *Les mouvements du discours: style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques*. Paris: Harmattan, 1999.

SALAZAR ORVIG, A. Eléments pour l'analyse de la connivence dans le dialogue. In: BONDI, M.; STATI, M. (eds.). *Dialogue Analysis 2000, Selected papers from the 10th IADA Anniversary Conference*, Bologna 2000, Tübingen: Niemeyer, 2003. p.339-350.

SALAZAR ORVIG, A. *et al.* Une étude sur les premières expressions référentielles. Le cas des pronoms. *Revue Tranel*, v. 41, p.15-31, 2005.

SALAZAR ORVIG, A. *et al.* Peut-on parler d'anaphore chez le jeune enfant? Le cas des pronoms de 3^e e personne. *Langages*, p.10-24, 2006. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-langages-2006-3-page-10.htm> Acesso em 20 de outubro de 2020.

SALAZAR ORVIG, A. *et. al.* Definite and Indefinite Determiners in French-speaking Toddlers: Distributional Features and Pragmatic-discursive Factors. *Journal of Pragmatics* 56, p.88-112, 2013.

TFOUNI, L.V.; FRANÇOIS, F. Teorias e práticas: práticas do oral. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 3, 1997.

VASCONCELOS, A. N. *Emergência da negação e prosódia: estudo de casos de uma criança brasileira e uma criança francesa*. 2017, 218f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2017. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/322539>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

VIEIRA, A. J. *Argumentação e explicação na linguagem da criança: diferenças e intersecções em dois estudos de caso*. 2015, 231f. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Unesp-Araraquara, 2015. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132866/000855922.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólva Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

WOOD, D.; BRUNER, J.; ROSS, G. The Role of Tutoring in Problem Solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v.17, pp.89-100, 1976.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa produtividade (PQ), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Programa Capes-PRINT) e à FAURGS pelo apoio à pesquisa.

Declaração de autoria e responsabilidade pelo conteúdo publicado

Declaramos que todas as autoras tiveram acesso ao corpus de pesquisa, participaram ativamente da discussão dos resultados e revisaram e aprovaram o processo de preparação da versão final do artigo.

Recebido em 17/04/2020

Aprovado em 22/10/2020